

FREIRE NA EDUCAÇÃO DA PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA: PRÁTICAS DE LEITURAS NO CURRÍCULO DO BERÇÁRIO

MADEIRA, Maria Cristina¹

MADEIRA, Júlio César ²

Resumo

Este texto refere-se a uma experiência pedagógica com bebês, que buscou implementar práticas de leituras no currículo do berçário de uma EMEI de Pelotas/RS. O conceito de letramento foi a base constitutiva das inter-relações pedagógicas. As crianças foram inseridas no universo da cultura letrada que resultou no prazer e no hábito de viver o encantamento desse mundo. É importante possibilitar aos bebês práticas educacionais atraentes e que lhes sejam significativas, esta concepção de enxergar os bebês como um ser social originou-se a partir de observações sobre sua interação, no desenvolvimento de atividades. Ao observá-los foi possível entendê-los, e ao mesmo tempo em que, observamos suas interações na relação adulto/criança, evidenciou-se que os bebês e crianças bem pequenas através das linguagens corporais, balbucios, sorrisos, choros e expressões, expressam seu interesse, atenção e alegria. Estas ações das crianças demonstraram que elas são atuantes e percebem o ambiente ao seu entorno. A contação de histórias é um dos recursos relevantes para inserir as crianças no mundo da cultura escrita. Uma atividade simples que contribui para a formação do hábito de ler, melhorar a atenção e desenvolver a oralidade. Através da literatura a criança percebe a representação de seu universo, expande sua imaginação, além de servir como uma rica fonte de entretenimento. Essa relação da criança e o livro constituem-se num momento de prazer e curiosidade, percebe-se a atenção que as crianças apresentam e o interesse pelas figuras, apontam fazendo alusão à imagem ou apenas imitando um som, outras vezes soltando um grito com um sorriso. Essa relação entre criança, livro “brinquedo” se constituiu num momento único, de brincadeira, leitura e encantamento.

Introdução

Este texto refere-se a uma experiência pedagógica com bebês, que buscou implementar práticas de leituras no currículo do berçário de uma EMEI de Pelotas/RS.

¹ Doutoranda em Educação/PPGE/FaE/UFPel/ CMP/SMED/Pelotas/RS/E-mail madeiracris@terra.com.br

² Doutorando em Educação PPGE/UFPel UNISINOS; Mestrando em Direito e Justiça Social – PPGD/FURG. Professor de Sociologia 5ª CRE/E.E.E.M. N.S. L. E-mail: julioesarmadeira@gmail.com

Os pressupostos de Freire, (1998) foram o suporte a aporte desta experiência, Freire com suas categorias teórico-pedagógicas, como: a esperança, a alteridade, a humildade e a conscientização, contribuiu no diálogo com estudos de outros autores que discutem a questão da inserção da criança pequena na cultura escrita.

Na fase inicial desta prática observou-se que as educadoras tiveram um estranhamento em experimentar e analisar a proposta de inserção das crianças pequenas em um ambiente letrado de forma intencional, com a preocupação de proporcionar às infâncias o contato com as várias linguagens infantis. O conceito de letramento foi a base constitutiva das inter-relações pedagógicas. As crianças foram inseridas no universo da cultura letrada que resultou no prazer e no hábito de viver o encantamento desse mundo. No berçário, pretendeu-se proporcionar à criança pequena o contato com a cultura escrita, propiciando-lhe eventos e práticas de letramento, pois ela necessita conviver com objetos e situações culturais da escrita desde o berço.

Aos poucos foi desenvolvida uma prática pedagógica que primava pelo binômio cuidar/educar. Essa concepção entre cuidar e educar tem sido muito negligenciada nas práticas cotidianas de berçários de Escolas de Educação Infantil da rede pública do país. Acredita-se que este fato ocorra devido à falta de reflexão sobre a concepção de criança, pois revela a abordagem pedagógica que será destinada a elas nas escolas infantis. No país, encontramos práticas que privilegiam ações de cuidado na creche, o que para Azevedo, são essas práticas pedagógicas que dicotomizam cuidado e educação. Essas concepções de criança se caracterizam como:

“[...] romântica, ora como cognitivistas, ou seja, a primeira privilegiando ações de “cuidar” – limitadas a dar banho, fazer higiene, alimentar, ect., principalmente no caso das crianças menores de 3 anos- e a segunda valorizando ações de educar , entendidas apenas como “ensinar”, leitura, escrita e conteúdo escolares às crianças de 4 a 5 anos . Em outras palavras, são práticas que revelam concepções de criança e Educação Infantil que separam/dissociam cuidado e educação, entendendo-os como aspectos distintos no atendimento infantil, portanto, passíveis de serem vivenciado separadamente. A adequada compreensão da indissociabilidade cuidado- educação é meta que se tem pretendido alcançar, nos últimos quinze anos, na realização do trabalho educativo com crianças de até 5 anos na realidade brasileira” (AZEVEDO, 2013, p. 14).

A autora em seus estudos discute a persistência da dicotomia entre cuidar e educar, como se essas duas ações não estivessem imbricadas, ou seja, ao educar se cuida e ao cuidar se educa. Essa dicotomia revela as internalizações das práticas assistencialistas existentes desde o surgimento da educação da pequena infância, que

eram destinadas às crianças pobres sob os cuidados de um modelo adulto maternal, com uma escassa formação, em relação à professora que “ensina”, que tem por consequência uma separação nas instituições de educação infantil, ou seja, o cuidado para a creche e o educar para a pré-escola.

É importante possibilitar aos bebês práticas educacionais atraentes e que lhes sejam significativas, esta concepção de enxergar os bebês como um ser social originou-se a partir de observações sobre sua interação, no desenvolvimento de atividades. Ao observá-los foi possível entendê-los, e ao mesmo tempo em que, observamos suas interações na relação adulto/criança, evidenciou-se que os bebês e crianças bem pequenas através das linguagens corporais, balbucios, sorrisos, choros e expressões seu interesse, atenção e alegria. Estas ações das crianças demonstraram que elas são atuantes e percebem o ambiente ao seu entorno. Cabe à professora desenvolver um olhar sensível para compreender as linguagens infantis.

As reflexões das práxis sobre as práticas vividas no berçário com as crianças possibilitaram o entendimento de que o berçário se constitui no espaço/lugar, de educação e cuidados destes pequenos seres sociais. O cuidado existe, pois, ao educar crianças de berçário, esta tarefa exige das professoras uma metodologia que faça com que as crianças pequenas não sejam negligenciadas. Freire (1998) concebe a educação em trabalhar com as crianças não para elas, dando significado ao sujeito que aprende. Embasadas na perspectiva de Freire (1998) em relação a reflexão, “na formação docente permanente dos professores, o momento é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1998, p. 43 e 44).

As palavras de Freire foram fundamentais para que se colocasse em prática o trabalho com os bebês, no qual o objetivo consistiu em colocá-los em contato com a inserção na cultura escrita. Esta prática constitui-se numa ação muito mais complexa e profunda do que realizar apenas atividades básicas, como, cuidado, alimentação, higiene e entretenimento. Porque é desde o berço que se constroem hábitos e gostos por inúmeras ações que vão se tornar parte da cultura da criança, essas construções vividas com os bebês se realizam por intermédio da brincadeira, e da afetividade.

Nessa etapa da vida a criança inicia a formação de sua identidade. Sendo assim, a brincadeira é o que existe de mais sério e importante para ela, acreditamos que é atribuição da escola de educação infantil, cuidar e educar as crianças de forma lúdica, nesse processo ocorre à construção de conhecimentos, do mundo que está em seu

entorno. Essa conscientização por parte das professoras contribuiu como elemento motivador na construção da proposta com as crianças do berçário e lhes foi proporcionada várias atividades pedagógicas repletas de aprendizagens ludicidade. A escola de Educação Infantil deve incluir todas as crianças que estão no seu interior, tornando-se o espaço/lugar do afeto, do aconchego, do respeito e das aprendizagens, Freire remete-nos a reflexão:

Preciso, agora, saber ou abrir-me à realidade desses alunos com quem partilho a minha atividade pedagógica. Preciso tornar-me, se não absolutamente íntimo de sua forma de estar no mundo, no mínimo, menos estranho e distante dela. E a diminuição de minha estranheza ou de minha distância da realidade hostil em que vivem meus alunos não é uma questão de pura geografia. Minha abertura à realidade negadora de seu projeto de gente é uma questão de real adesão de minha parte a eles e a elas, a seu direito de ser. Não é mudando-me para a favela que provarei a eles e a elas minha verdadeira solidariedade política sem falar na quase certa perda de eficácia de minha luta em função da mudança mesma (FREIRE, 1998, p. 155).

A afirmação de Freire nos remete ao pensamento de que a criança só vai ser motivada a aprender determinados conhecimentos se, ao vivenciá-los encontrar significado com seu meio de inserção social. É neste momento que enquanto professoras da pequena infância acreditamos que a escola tem que se aculturar ao universo social das crianças para tecer relações entre escola e família, objetivando a construção de uma proposta pedagógica que seja atraente para as crianças. As propostas pedagógicas vivenciadas no berçário mostram uma experiência dialógica, Freire afirma que ensinar exige disponibilidade para o diálogo, “a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumem-se como tais, se tornam radicalmente éticos (FREIRE, 1998, p. 77).

O diálogo de Freire visou contextualizar o ensino- aprendizagem à realidade da criança; a riqueza do meio cultural e social, construindo na classe práticas que estabeleçam relações com sua vivência cotidiana. O que propiciou aos pequenos um ambiente educativo estimulante, criativo e com uma grande troca interativa entre crianças e crianças, e crianças e adultos, o que foi o objetivo desta proposta.

O Livro como Brinquedo

A leitura de história para os bebês e as crianças bem pequenas ocorria diariamente, com as vinte e duas crianças da classe, entre meninos e meninas com idade

de seis meses a dois anos de idade. A escola lócus da experiência tinha em suas práticas curriculares de forma intencional, a inserção da criança pequena na cultura escrita, proporcionando-lhes desde o berçário junto ao desenvolvimento da oralidade o contato com a literatura infantil pela audição de histórias contadas pelas professoras.

A contação de histórias é um dos recursos relevantes para inserir as crianças no mundo da cultura escrita. Uma atividade simples que contribui para a formação do hábito de ler, melhorar a atenção e desenvolver a oralidade. Através da literatura a criança percebe a representação de seu universo, expande sua imaginação, além de servir como uma rica fonte de entretenimento. Para Faria; Mello (2009, p. 09):

As histórias realmente bonitas sempre ensinam alguma coisa e nos fazem sentir melhor. Também fazem crescer dentro de nós um sentido moral e nos dão um sentimento de empatia, de satisfação. Por isso, as histórias fazem surgir o alfabeto dos sentimentos, o alfabeto das emoções que nós vamos reconstruir aceitar e adotar como comportamentos conscientes. Além disso, quando ouve uma história, a criança desenvolve a capacidade de ouvir. Essa capacidade, atualmente, tem muitas vezes sua importância desconsiderada. No entanto, é fator essencial de qualquer aprendizagem. Na verdade, mais que desenvolver na criança a capacidade de ouvir, a história contada ensina uma maneira de ouvir que fala do significado da vida.

As práticas cotidianas de leitura para as crianças do berçário intencionavam construir o hábito de escutar histórias, ampliar o vocabulário infantil, reconhecer e nomear alguns livros, manipular o livro folheando as páginas e fazendo referências as imagens, cuidar do livro, valorizá-lo e proporcionar entretenimento aos bebês.

A leitura de histórias constituiu-se num momento esperado pelas crianças, esse espaço foi valorizado, tornando-se mais cativantes para as crianças. A leitura realizada pelas professoras constituía-se numa transcrição sonora do texto realizada pela voz do adulto que lê para as crianças. Bajard, (2007), juntamente com os recursos utilizados constituíram-se como estratégias para chamar a atenção das crianças promovendo a ludicidade.

A construção desse ambiente atrativo e confortável para a contação de história compunha-se do tapete colorido e das almofadas, e uma mala contendo os livros, na qual as crianças tinham livre acesso. Esse contato das crianças com o objeto cultural, o livro, foi de fundamental importância para esse exercício literário. A preocupação do uso de recursos diferenciados para contar as histórias às crianças esteve sempre presente. O contato pelas crianças com os elementos físicos constitutivos do livro: o tipo de papel, a textura, o volume, o colorido das ilustrações. Esse esboço de leitura

ocorria com o bebê ainda no berço, quando o aproximávamos do livro objeto, isto é, dos livros de pano, de plástico, de papelão ou de borracha. A criança tem a oportunidade de manter uma relação palpável com o objeto que se identifica com a estrutura física do livro. Segundo Bajard (2007, p.37):

Graças à presença de uma narrativa constituída por imagens, o livro de literatura se torna objeto de curiosidade das jovens ainda analfabetos. São publicados álbuns que atraem a curiosidade dos bebês pelo fascínio de suas imagens. O livro se curva ao desejo do jovem público; o suporte se diversifica: o livro de tecido resiste aos gestos desajeitados, o plástico à água da banheira, a dobradura facilita o contato sensível (BAJARD, 2007, p.37).

Essa relação da criança e o livro constituem-se num momento de prazer e curiosidade, percebe-se a atenção que as crianças apresentam e o interesse pelas figuras, apontam fazendo alusão à imagem ou apenas imitando um som, outras vezes soltando um grito com um sorriso. Para Britto “à medida que a criança vivencia a experiência dos objetos da cultura escrita, os modos de organização da cultura escrita, os gêneros de escrita, que ela encontrará sentido no escrito” (BRITTO, 2005, p. 17).

A afirmação do autor refere-se que a criança ao aprender o sistema da escrita este terá sentido a ela, dizendo ainda que, “inserir a criança no mundo da escrita é mais que alfabetizá-la, se entendermos por alfabetização apenas o domínio do código; ou é iniciar a alfabetização, se compreendermos por alfabetização a inclusão em um universo cultural complexo” (BRITTO, 2005, p. 17).

Os autores nos falam o quanto é importante desde a educação infantil envolver a criança de forma lúdica na linguagem e com objetos culturais da escrita, jamais tendo a pretensão de alfabetizá-las no sentido de domínio do código escrito, remetendo-nos a uma dimensão mais ampla. Procurando estimular nas crianças o gosto e o prazer pela leitura compartilhada como forma de aprender, socializar-se, brincar e interagir com todas as pessoas em seu entorno na classe, procurou-se desde o berçário incentivar o desenvolvimento de comportamentos que contribuirão na formação de leitores. Os bebês necessitam e têm condições de manusear livros, apreciar as ilustrações, apontar imagens, compartilhar essas ações com as outras crianças e com as professoras, observa-se que há possibilidade em formar comportamentos leitores desde muito cedo. Nesta fase, o livro se torna à criança um “Brinquedo”. No berçário é muito importante e significativo proporcionar-lhes práticas de leituras objetivando um trabalho de forma lúdica. Segundo os autores:

Nesse período o que pode ser construída é uma relação com o objeto livro, no sentido de torná-lo próximo das crianças, tanto quanto um brinquedo. A importância que este objeto- o livro- tem em nossa cultura só será compreendida pela criança muito mais tarde, se o adulto for um contador de histórias competente (dando vida às histórias e personagens) e cativante (compartilhando suas emoções). “Alguém que saiba construir com a criança a crença de que o livro é um brinquedo” que pode divertir emocionar, educar, auxiliar a organizar emoções (como o medo, a angústia, a alegria, o ciúme, o sentimento de perda) (CRAIDY; KAERCHER, 2001, p.83).

Na educação dos bebês e crianças bem pequenas é necessária uma ação pedagógica que articule as múltiplas linguagens inerentes ao processo de aquisição do conhecimento pela criança e suas singularidades que diferencia seus ritmos. Constantemente eram construídas estratégias de fazer com que os pequenos encontrassem na escola um ambiente rico em atividades em que objetos culturais, como, por exemplo, o livro, fosse a mediação para a livre expressão das múltiplas linguagens infantis.

A escrita resulta das diversas experiências das quais a criança realiza durante sua infância, manifestadas por meio dos gestos, brincadeiras, manipulações e pelo movimento do seu corpo, proporcionado pelas atividades, que envolvem a dança e a música, juntamente com o ambiente ao seu entorno.

Faria (2005); Mello, (2005); Britto, (2005) explicam-nos que os gestos, a expressão corporal, a dramatização são ações pertinentes às várias linguagens constitutivas da criança. Estas necessitam ocorrer de forma lúdica, isto é, brincando, proporcionam-lhe o início de um processo que contribuirá preponderantemente para a sua escrita no futuro, pois estas ações fazem parte da construção inicial da formação dos bebês e das crianças bem pequenas se comunicarem. Por meio da manipulação de objetos e materiais artísticos a criança também tem a possibilidade de desenvolver sua criatividade e sua expressividade. Da mesma forma, as brincadeiras de manipulação propiciam-lhe a construção da linguagem escrita, bem como amplia o seu conhecimento.

Considerações finais

A leitura de histórias constituiu-se num momento esperado pelas crianças, esse espaço foi valorizado, criando recursos para as leituras, que se tornou um dos espaços mais cativantes. A experiência realizada com a leitura de histórias infantis trouxe aos bebês muitas aprendizagens, e sem perder a marca da ludicidade, favoreceu o contato

com as práticas de letramento vinculadas à literatura infantil e seus desdobramentos. Trabalhar a leitura de histórias infantis trouxe aos bebês muitas aprendizagens, pois o livro “brinquedo” constitui-se num momento único, de brincadeira, leitura e encantamento.

Na Educação Infantil “ler com os ouvidos” é tão importante quanto ler com os olhos. Britto (2005); Amaral (2005); Faria, (2005); Bajardd (1999, 2007), abordam a importância de a criança ler pela mediação da voz do outro, se “lê com os ouvidos” e se “escreve com a boca”. Nesta especificidade da educação, as professoras se colocam como enunciativas textuais, não esquecendo que o desenho constitui a primeira escrita da criança pequena. A preocupação educativa em relação à escrita, situa-se em possibilitar à criança a vivência num universo cultural em que a oralidade, a livre expressão, características dos discursos da escrita, estejam presentes. Essa relação entre criança, livro brinquedo se constituiu num momento único, de brincadeira, leitura e encantamento. Freire fala da esperança na educação, mas ela nada mais é, que a execução das ações pensadas coletivamente. Ações que buscam modificar o *status quo*, mostrando que nada é naturalmente determinado, mas a educação é uma construção social e política.

Referências:

AZEVEDO, H. H. O. de. **Educação infantil e formação de professores:** para além da separação cuidar-educar, SP: Unesp, 2013

BAJARD, É. **Da escuta de textos à leitura.** São Paulo: Cortez, 2007.

CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. da S. **Educação Infantil. Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

ELIAS, M. DEL C. **Célestin Freinet:** uma Pedagogia de atividade e cooperação. Vozes, Petrópolis (RJ), 1997.

FARIA, A, L. G. **Sons sem Palavras e Grafismo sem Letras Linguagem, Leituras e Pedagogia na Educação Infantil.** In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de. e MELLO, Suely Amaral (org.) O mundo da Escrita no Universo da Pequena Infância. Campinas: Autores Associados, 2005.

FREINET, E. **O Nascimento de Uma Pedagogia Popular.** Estampa Lisboa. 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, A. M. A. Freire In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Notas: Ana Maria Araújo Freire. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.